

O emprego da guerra híbrida pela Rússia no conflito da Ucrânia

Os desafios do Exército Brasileiro em face dessa doutrina

Rogério Alex Aquino de Castro*

Introdução

Acompanhando as tendências mundiais, diversos estudiosos debatem sobre os conceitos que envolvem as guerras contemporâneas. Diferentes são os termos para explicar as novas guerras deste século, como a guerra de quarta geração (LIND, 1989), guerra irrestrita (LIANG; XIANGSUI, 1999), guerra no meio do povo (SMITH, 2005), guerra complexa (HUBER, 2002).

Durante as ações na Crimeia, a Rússia apresentou uma nova capacidade de combater, empregando simultaneamente um vasto espectro de táticas, técnicas e procedimentos no campo de batalha, interligando o conceito de Guerra Híbrida com o pensamento militar Russo.

Publicado em fevereiro de 2013, o artigo *O valor da ciência está na previsão: os novos desafios exigem que repensemos as formas e métodos de realizar as operações de combate* (tradução nossa), do general russo Valery Gerasimov, chefe do Estado-Maior da Rússia, também conhecido por Doutrina Gerasimov, foi considerado como a nova orientação das forças militares russas para o emprego da Guerra Híbrida,

tornando-se a nova arte da guerra russa.

Assim, este trabalho visa ressaltar a importância do emprego da Guerra Híbrida na Ucrânia pela Rússia, destacando sua significância para os resultados neste conflito.

A transformação da guerra

A chamada Paz de Vestfália, em 1648, serviu de referência para caracterizar as guerras como conflitos entre Estados soberanos, que tiveram a sua origem nestes acordos.

A partir deste acontecimento histórico, existem diferentes abordagens quanto à forma como a guerra evoluiu ao longo dos tempos, que culminam com a sua descrição e caracterização na atualidade. Alguns teóricos e pensadores militares internacionais, como William Lind, John Schmitt, e T. Hammes, dividem a evolução dos conflitos armados, a partir do século XVIII, em períodos distintos, que podem ser divididos em quatro gerações (PINHEIRO, 2010, p. 67).

A **primeira geração** da guerra, correspondeu ao período que vai desde a Paz de Vestfália até meio do séc. XIX. A tática desenvolvida priorizava o esforço principal na

* Maj Inf (AMAN/02, EsAO/11). Atualmente, é aluno da ECEME.

concentração de massa de combate no local e momentos decisivos da batalha (BARROSO, 2007, p. 17).

Com o aumento dos efetivos militares, associado a um aumento significativo da população, estavam criadas as condições para o surgimento das Guerras de **Segunda Geração** (G2G) (BARROSO, 2007, p.17). As G2G foram caracterizadas por grandes exércitos com capacidade de projeção estratégica considerável, com um aumento do poder de fogo, e com menor capacidade de manobra. A defensiva ganhou mais importância que a ofensiva, como, por exemplo, na Primeira Guerra Mundial (I GM) (BARROSO, 2007, p.17).

As Guerras de **3ª Geração** são normalmente associadas à guerra da manobra, desenvolvida, inicialmente, pelo Exército Alemão, e que foi denominada como *blitzkrieg* (guerra relâmpago, tradução nossa). Baseava-se na velocidade, na surpresa e no deslocamento, tanto mental como físico, onde, mais uma vez a ofensiva ganhava novamente importância em face da defensiva (LIND, 2005, p.13).

Na Guerra de **3ª Geração** (G3G), os exércitos passaram a priorizar a Guerra de Manobra, utilizando-se do fogo e movimento como forma de posicionar o inimigo em uma situação desvantajosa e assim derrotá-lo no campo de batalha (PINHO, 2016, p. 71).

O essencial no conflito das Guerras de Quarta Geração (G4G), é que o Estado perde o monopólio da guerra, e as forças militares deixam de se defrontar mutuamente, passando os Estados a combater atores não estatais. Nelas estão presentes fenômenos como o terrorismo, a estratégia assimétrica, a guerra de baixa intensidade, a guerrilha ou

a insurreição (PINTO, 2006, p. 15). Segundo Hammes (*apud* BARROSO, 2007, p. 18), estas guerras evoluíram como consequência da transformação da sociedade e como resultado da aplicação prática de pormenores do nosso cotidiano aos problemas táticos.

É nesse ambiente complexo e altamente volátil que se caracteriza o amplo espectro, em que o ciberespaço é amplamente utilizado, as ameaças tornam-se ainda mais difusas, e os conflitos se ampliam, com novos atores e novas possibilidades de combater. Segundo Hoffman (2007), esse ambiente proporciona excelentes condições para o surgimento de um novo paradigma, o qual definiu como uma nova forma de combater: a Guerra Híbrida.

A guerra híbrida

O mundo vem enfrentando cada vez mais desafios, incluindo ameaças tradicionais, irregulares e terroristas. Isso criou um dilema para os atuais planejadores militares, exigindo uma escolha entre a preparação para conflitos entre estados com capacidades convencionais ou o cenário mais provável, de atores não estatais empregando táticas assimétricas ou irregulares. No entanto, estes podem não ser mais ameaças separadas ou modos de guerra diferentes. Vários estrategistas identificaram um aumento na fusão ou indefinição de conflitos e formas de guerra (HOFFMAN, 2007). Hoffman (2007) assim define:

A ameaça híbrida incorpora uma vasta gama de modelos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas que

incluem o uso indiscriminado da coerção e violência e a desordem criminal. Essas atividades multimodais podem ser conduzidas por unidades separadas ou pela mesma unidade, mas são geralmente, operacional e taticamente, dirigidas e coordenadas dentro do principal espaço de batalha para alcançar efeitos sinérgicos nas dimensões físicas e psicológicas do conflito. (p. 36)

Para Fleming (2011), atores que empregam a Guerra Híbrida, primeiro, determinam os seus objetivos estratégicos em termos militares e políticos e, em seguida, estabelecem uma campanha militar no nível operacional para atingir esses objetivos.

Segundo Bowers (2012), é preciso ter cautela ao simplesmente definir um adversário híbrido como qualquer entidade que se engaje em diferentes formas de combate, porque tal definição pode incluir quase todo tipo de organização. Se todos são híbridos, então ninguém é. A verdadeira combinação híbrida de capacidades militares avançadas e maturidade organizacional não é, normalmente, algo comum entre os grupos armados ao redor do mundo nem algo que possa ser facilmente obtido. Em consequência, é importante saber se podemos prever como e quando um grupo armado se transforma em um adversário híbrido plenamente desenvolvido. Um adversário híbrido plenamente desenvolvido será capaz de passar, quando quiser, da guerra irregular ou de guerrilha para um combate convencional em formações com valor companhia ou maiores.

A Guerra Híbrida pode ser descrita como um termo moderno para uma prática antiga, que avultou sua importância nos séculos recentes, com uma combinação de

forças regulares e irregulares para ameaçar um inimigo (BOOT, 2015).

Guerra, ameaça e agressão Híbrida, são conceitos usados para descrever uma complexa e adaptada integração de amplo espectro sem precedentes de fazer guerra no século 21 (ABOTT, 2016, p. 4). No contexto da anexação da Crimeia, os debates sobre a definição do conceito de “Guerra Híbrida” e mais precisamente o entendimento de que isso é uma nova forma russa de fazer guerra se avultaram. Por isso, se torna necessário definir o significado e ter um olhar mais aprofundado nesse assunto (RUSNÁKOVÁ, 2017).

Em 2015, em palestra proferida no Center for Strategic and International (Centro para Estratégias Internacionais, tradução nossa), em Washington – EUA, Phillip Karber, durante o Fórum Militar Russo, apresentou o tema *Guerra Híbrida Russa: Implicações para a Ucrânia e além*. Nesse fórum, o autor analisou a participação russa nos eventos da crise ucraniana e caracterizou a atuação daquele país, segundo seu entendimento, da seguinte forma:

- Uma primeira fase, com o objetivo de criar, de forma simultânea, instabilidade em diversas cidades dentro do território ucraniano, insuflando o conflito entre os pró-Rússia e os demais, dividindo a nação em duas vertentes bem definidas. Nesse sentido, a construção da narrativa da autodeterminação do povo do leste ucraniano — onde 70% da população se definem como russos — contribuía para essa instabilidade.
- Em uma segunda fase, a atuação da Guerrilha, o emprego de elementos infiltrados, o uso de mercenários, a

atuação de grupos criminosos locais, a pressão econômica, o uso da diplomacia para pausas nas operações e de outras estratégias, buscaram arruinar a economia e destruir a infraestrutura local, causando o colapso do Estado e comprometendo seu processo decisório.

- Na terceira fase, penetrar na região com maciço apoio de forma a emergir como solução ao caos, substituindo o poder local com seus simpatizantes. Nesse sentido, a atuação de forças russas como de “manutenção da paz” e comboios humanitários russos ratificam essa postura. No campo tático, a Rússia empregou forças especiais e tropas regulares denominadas Grupo Tático de Batalhão, integrado por tropas de artilharia, tropas mecanizadas e tropas blindadas, que combinavam armas em um nível abaixo de brigada. Todas descaracterizadas como forças russas. Além disso, as operações regulares da guerrilha separatista pró-Rússia contra as tropas ucranianas, como na Batalha de Debaltseve, trouxeram à OTAN uma nova realidade: a Europa não estava preparada para uma guerra com características convencionais, perdendo essa capacidade durante o período em que buscou a redução de suas forças blindadas pesadas, e seu adestramento priorizou o combate de contrainsurgência (KARBER, 2015).

O artigo do general Gerasimov

Embora não exista uma doutrina russa para a guerra híbrida, este termo passou

a ser amplamente utilizado pela mídia e por estrategistas, incluindo a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e tornou-se numa nova tendência e pensamento militar para o modo russo de conduzir a guerra. Em seu artigo, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Federação Russa, general Valery Gerasimov, em fevereiro de 2013, sobre o pensamento militar russo, descreveu como os conflitos armados adotaram novos métodos, deixando de fazer sentido o paradigma geopolítico convencional e onde revela a visão da Rússia sobre as novas estratégias de guerra moderna, designada de “guerra não linear”. Gerasimov argumentou ainda que as

regras da guerra mudaram, e que os métodos do conflito envolvem o uso alargado de todos os instrumentos de poder ao dispor de um Estado, uma ampla variedade de capacidades e de meios não militares para atingir os objetivos. (KASAPOGLU, 2015, p. 3)

Conforme COALSON (2014), o que Gerasimov aborda em seguida é a multidimensionalidade e a subversão, tendo o foco dos métodos, aplicados aos conflitos, a alteração na direção do amplo uso de medidas políticas, econômicas, informacionais humanas e outras não militares, tudo em coordenação com o potencial de protesto da população. Por isso, ele reconheceu que a guerra moderna exige a estratificação de várias ameaças da guerra total e o importante papel desempenhado na desestabilização da ordem interna do inimigo, da coesão de suas instituições essenciais e, portanto, sua derrota de dentro para fora.

Um dos aspectos mais interessantes do artigo de Gerasimov é sua perspectiva sobre a relação entre medidas não militares e militares na guerra. A utilização de todos os meios do poder nacional para alcançar os fins do Estado não é algo novo para a Rússia, mas, agora, suas Forças Armadas veem a guerra como algo muito além de um conflito militar. Gerasimov ilustra, em seu artigo, que a guerra é conduzida hoje com uma proporção aproximada de quatro medidas não militares para uma medida militar. Essas medidas não militares incluem sanções econômicas, suspensão de relações diplomáticas e pressão política e diplomática. O ponto crucial é que, enquanto o Ocidente considera essas medidas não militares como formas de evitar a guerra, a Rússia as considera como guerra (BARTLES, 2016).

A ideia de implodir um Estado via convulsão social, ainda que antes da declaração de guerra, é uma prescrição importante da metodologia da “Guerra de Nova Geração”. A esse respeito, Gerasimov considera que [...] as rígidas regras da guerra mudaram [...] (assim) o foco dos métodos de conflito se alterou em direção ao amplo emprego de medidas de caráter político, econômico, informacional, humanitário e outras tipicamente não militares [...] aplicadas em coordenação com o potencial dos protestos da população alvo. Gerasimov entende que as novas tecnologias da informação permitiram que muitas dessas mudanças fossem possíveis, abrindo as portas para o amplo uso de ações assimétricas visando reduzir o potencial de combate do inimigo, particularmente por meio de “operações de influência”.

Ainda segundo Berzins, os russos pensam que todas essas mudanças na condução

de conflitos reduziram a importância dos engajamentos diretos por grandes formações militares convencionais, as quais acreditam que se tornarão gradativamente coisa do passado. No caso de ser necessária uma operação convencional para “acabar” com o inimigo, acreditam que possam ser empregadas ações do tipo *standoff* (impasse, tradução nossa) (i.e., fogo indireto e/ou de precisão em profundidade, a partir de várias plataformas) em todo o território do inimigo/adversário. Percebem que essa mudança em direção à guerra irregular e às operações *standoff* dificulta a identificação do traçado dos níveis estratégico, operacional e tático do conflito bem como entre operações ofensivas e defensivas. Essas ideias acerca do conflito futuro estão formalmente articuladas no que se conhece como as oito fases da “Guerra de Nova Geração”. Essas fases proporcionam um paradigma para compreender como os russos podem conduzir uma guerra híbrida estatal. Conforme Bērzins, são elas:

- 1ª Fase: adoção da guerra assimétrica não militar (conciliando medidas diplomáticas, ideológicas, psicológicas, econômicas, de informação e midiáticas, como parte de um plano para estabelecer um clima político, econômico e militar favorável).
- 2ª Fase: operações especiais (específicas) são empregadas para confundir líderes políticos e militares, por meio de canais diplomáticos, mídia, e agências governamentais e militares. Isto é feito mediante a divulgação de informes, ordens, diretivas e instruções falsas.
- 3ª Fase: focada na dissimulação, intimação e ameaça de oficiais governa-

mentais e militares, com o objetivo de fazê-los descumprir seus deveres.

- 4ª Fase: propaganda desestabilizadora direta e de alta intensidade para disseminar o descontentamento entre a população, ampliado pela chegada de bandos de militantes russos, escalando a subversão.
- 5ª Fase: estabelecimento de zonas de exclusão aérea sobre o país a ser atacado, imposição de bloqueios e emprego extensivo de companhias privadas de paramilitares em estreita cooperação com unidades armadas de oposição (ex.: ucranianos pro-Rússia).
- 6ª Fase: esta inclui o começo da ação militar, a qual é precedida por missões de reconhecimento e subversivas em larga escala. Comporta todos os tipos, formas, métodos e forças, tais como forças especiais, equipes aerotransportadas, espaço, rádio, eletrônica, diplomática, inteligência, serviço secreto e espionagem industrial.
- 7ª Fase: combinação de operações de informação dirigidas de guerra eletrônica, operações aeroespaciais, operações aéreas hostis continuadas, combinadas com o emprego de armas de precisão lançadas de variadas plataformas, incluindo artilharia de longo alcance e armas baseadas em novos princípios físicos, tais como micro-ondas, raios *laser*, radiação, armas biológicas não letais.
- 8ª Fase: avanço de unidades de reconhecimento sobre os pontos de resistência remanescentes para transmitir suas coordenadas às unidades atacantes de artilharia e mísseis. Fogo

de barragem, por armas avançadas, será utilizado para submeter pontos de resistência e facilitar a limpeza do território por forças terrestres.

De acordo com Gerasimov, cada uma dessas fases pode ocorrer gradativa ou simultaneamente, dependendo de situação específica.

A crise da Crimeia

No início de 2014, a Crimeia tornou-se o foco da pior crise “Leste-Oeste” desde a Guerra Fria, depois que o presidente da Ucrânia, pró-Moscou, Viktor Yanukovich, foi retirado do poder por protestos violentos em Kiev. Essa onda de manifestações e agitação civil na Ucrânia ficou conhecida como Revolução Ucraniana, também apelidada de Maidan, por ter iniciado em praça de mesmo nome (FERNANDES, 2016).

Os manifestantes eram contrários à decisão do então presidente Viktor Yanukovich de não assinar um acordo com a UE no final de 2013. Além disso, após a rejeição do acordo, o presidente ucraniano aceitaria um novo acordo com a Rússia, na forma de uma ajuda financeira de US\$ 15 bilhões e outros benefícios econômicos. Com a deposição do presidente ucraniano, a Rússia passou a influenciar e intervir mais ativamente no país, efetuando uma série de incursões no seu território e aproveitando o apoio de movimentos separatistas pró-russos e antigoverno na região de Donbass, o que resultou na invasão da península da Crimeia e uma guerra com o governo ucraniano, gerando um cenário de instabilidade no leste europeu (DA SILVA, 2016).

Segundo Fernandes, 2016, o governo central da Rússia não reconheceu o governo interino da Ucrânia, que se aproximou da União Europeia, intervindo mais diretamente no leste da Ucrânia, efetuando uma série de incursões no seu território e aproveitando o apoio de movimentos separatistas pró-russos e antigoverno na região de Donbass. A Rússia conduziu um importante exercício militar junto à sua fronteira ocidental em fevereiro de 2014, desviando a atenção para aquilo que estava acontecendo na Crimeia. Utilizando operadores de forças especiais, uniformizados sem insígnias, que transportavam armamento e equipamento militar, conhecidos como *little green men* (pequenos homens verdes), atuando como forças de segurança local para conquistar e controlar instituições governamentais chave e posteriormente manter a região com unidades regulares, anexaram formalmente a península da Crimeia. A Rússia fez também uso de unidades de forças especiais (*Spetsnaz*) nas cidades e províncias da região, estabelecendo e controlando unidades insurgentes, que atuavam em prol das intenções russas.

Ainda no tocante às ações russas na Crimeia:

Estas ações na Crimeia foram baseadas principalmente na guerra irregular, uma das componentes da guerra híbrida, caracterizada como “uma luta violenta travada entre um Estado e atores não estatais pela legitimidade e influência sobre uma população e um território. Este tipo de conflito caracteriza-se por as atividades predominantes serem a subversão, a contrassubversão e a existência de um ambiente que se denominou por guerra não convencional”. Foi um combate conduzido no meio

da população, cuja finalidade foi esgotar o adversário, a sua vontade de combater, provocar o caos e criar um estado de insegurança tal, que permita tirar partido dessa situação criada. (FERNANDES, 2016)

Na Crimeia, o parlamento local foi tomado por um comando pró-Rússia, que nomeou um novo primeiro-ministro, Sergey Aksyonov, líder do Partido da Unidade Russa, que aprovou sua independência e, posteriormente, a anexou à Federação Russa, mediante um referendo popular realizado em março de 2014. O Parlamento russo, por sua vez, autorizou o uso da força militar na Ucrânia para proteger os interesses de Moscou na região. Os militares ucranianos não resistiram, e o presidente interino do país ordenou a retirada das tropas restantes na península. A comunidade internacional, por meio da Organização das Nações Unidas (ONU), não reconheceu a separação da Crimeia e a anexação por parte da Rússia (UKRAINE, 2018).

Guerra civil do leste da Ucrânia

As forças governamentais ucranianas empreenderam uma série de ações no sentido de reassegurar o controle e contrariar os movimentos e ações insurgentes pró-Rússia nas províncias da região de Donbass, mas, em 25 de agosto, uma contraofensiva insurgente estagnou a ofensiva das forças governamentais nas cidades de Donetsk e Luhansk. Adicionalmente, com o decorrer do conflito, a Rússia enviou um suposto “comboio humanitário” para a região de Luhansk, em agosto de 2014, sem o consentimento da Ucrânia. Posteriormente a esses fatos, foram assinados

tratados de cessar-fogo entre a Ucrânia e a Rússia (NATO, 2015a, pp. 5-6).

Uma análise da campanha de informação russa contra a Ucrânia conclui que: a Rússia estava preparada para conduzir uma nova forma de fazer a guerra na Ucrânia. Nela, a campanha de informação desempenhou um papel central, sua narrativa era baseada na memória histórica, a crise na Ucrânia foi decorrente de ações que atendiam a uma estratégia de longo prazo da Rússia. A dissimulação foi usada como tática para distrair e atrasar as ações ucranianas e a reação do ocidente. As campanhas de desinformação russas foram-se desgastando ao longo do tempo, à medida que os fatos foram sendo conhecidos (NATO StratCom COE, 2015, pp. 4-5).

Conclusão parcial

A tomada de território pela Rússia e a continuidade da interrupção da ordem civil ucraniana levaram muitos a sugerir que o uso de táticas híbridas representou uma nova forma de guerra altamente eficaz. A Rússia empregou e coordenou uma ampla gama de táticas para alcançar seus objetivos: de coerção política e econômica ao ex-presidente Vyktor Yanukovich pelo empréstimo de 15 bilhões de dólares; ataques cibernéticos, desinformação e propaganda; até ações militares encobertas e evidentes, como a ação de operadores de forças especiais sem insígnias na Crimeia e o uso de tropas regulares na península, visando à salvaguarda de nacionais russos moradores da região. Estes instrumentos foram utilizados de forma intercambiável para fomentar a agitação na

Ucrânia Oriental.

O uso bem-sucedido de tecnologias modernas permitiu à Rússia explorar a dimensão informacional da guerra civil na Ucrânia. Ao difundir a propaganda e distorcer fatos, a Rússia construiu narrativas e visões alternativas no ciberespaço. Isso serviu como um multiplicador de forças no conflito. A narrativa escolhida retrata a Rússia como garantidora e defensora dos direitos dos povos de língua russa e que o uso da força foi uma maneira legítima de defender seus compatriotas das atrocidades cometidas contra eles na Ucrânia. Era importante para a Rússia, no início da campanha da Crimeia, projetar essa imagem para civis, tropas ucranianas, governo e o mundo, encorajando civis a se unirem à Rússia.

Conceito operativo do Exército Brasileiro

As experiências colhidas nos conflitos armados/guerra das últimas décadas indicam que os confrontos formais entre atores estatais beligerantes vêm tomando outras conformações. Outras variáveis têm sido agregadas à forma de soluções de antagonismos, dando origem a novos paradigmas de combate. Ainda assim, apesar das mudanças observadas na arte da guerra, mesmo que ocorram assimetrias, os conflitos permanecem marcados pelo emprego da violência (BRASIL, 2014).

Nesse contexto, o Exército Brasileiro deve estar apto a conduzir, com legitimidade e empregando o uso controlado da força, operações militares em qualquer ponto do espectro dos conflitos — desde a paz

estável, até o conflito armado/guerra — para contribuir de forma decisiva para a prevenção de ameaças, no gerenciamento de crises e/ou na solução de conflitos nacionais ou internacionais, de qualquer natureza e intensidade (BRASIL, 2014).

Alinhado com a Política Nacional de Defesa (PND) e a Estratégia Nacional de Defesa (END) e a necessidade premente de desenvolver capacidades completas, o Exército Brasileiro passa a adotar a geração de forças por meio do planejamento baseado em capacidades (PBC). Desse modo, o desenvolvimento de capacidades, orientado pelos diplomas legais brasileiros, é baseado na análise da conjuntura e em cenários prospectivos, com o objetivo de identificar as ameaças concretas e potenciais ao Estado e interesses nacionais (BRASIL, 2014a, p.3-3).

Capacidade é a aptidão requerida a uma força ou organização militar, para que possa cumprir determinada missão ou tarefa. É obtida a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura — que formam o acrônimo DOAMEPI. Para que as unidades atinjam o nível máximo de prontidão operativa, é necessário que possuam as capacidades que lhes são requeridas na sua plenitude. (BRASIL, 2014a, p.3-3)

Com a finalidade de obter eficácia e efetividade organizacional, o Exército Brasileiro, implementou as operações no amplo espectro como o seu conceito operativo. Nesse cenário, o espectro dos conflitos representa uma escala na qual se visualizam os diferentes graus de violência politicamente motivada (BRASIL, 2014).

Conforme a nova Doutrina Militar Terrestre, as operações de amplo espectro

são sublinhadas pela combinação, simultânea ou sucessiva, de operações em atitude ofensiva, defensiva, operações de pacificação e/ou de apoio a órgãos governamentais, como emprego de um conjunto interdependente de forças capazes de explorar a iniciativa, aceitar riscos e criar oportunidades para alcançar resultados decisivos.

A irrefutável realidade, sobejamente evidenciada no cotidiano, indica a premente necessidade de uma força terrestre da Era do Conhecimento, a qual deve ser dotada de armamentos e de equipamentos com tecnologia agregada, sustentada por uma doutrina em constante evolução e integrada por recursos humanos altamente treinados e motivados (BRASIL, 2017).

Para isso, baseia sua organização em estruturas com as características de **flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade, (FAMES)** que permitem alcançar resultados decisivos nas operações no amplo espectro, com prontidão operativa, e com capacidade de emprego do poder militar de forma gradual e proporcional à ameaça (BRASIL, 2017).

O ambiente complexo em que atua a força terrestre componente (FTC) possui uma multiplicidade de atores que, de forma integrada e em determinadas condições, podem constituir uma ameaça híbrida. Esse tipo de ameaça é a reunião dinâmica, ainda que diversa, de forças regulares e irregulares, que buscam atingir efeitos que lhes beneficiem mutuamente. Esse tipo de ameaça pode incluir células

terroristas e/ou criminosos, em alguns casos (BRASIL, 2014a, p. 7-5).

O ambiente operacional é caracterizado pela existência de três dimensões — física, humana e informacional —, cujos fatores a serem analisados interagem entre si, formando o seu caráter único e indivisível. Sua compreensão constitui uma condição fundamental para o êxito nas operações militares. Tradicionalmente, o foco da análise do ambiente operacional era centrado na dimensão física, considerando a preponderância dos fatores terreno e condições meteorológicas sobre as operações. As variações no caráter e na natureza do conflito, resultantes das mudanças tecnológicas e sociais, impõem uma visão que também considere as influências das dimensões humana e informacional sobre as operações militares e vice-versa (BRASIL, 2014b).

Nessas circunstâncias, o próprio *Manual de Operações* (BRASIL, 2014b), afirma que os conflitos contemporâneos têm apresentado características que os distinguem dos tradicionais, aproximando-os de enfrentamentos entre forças armadas de um Estado e ameaças híbridas. Segundo o manual, tais ameaças híbridas são

atores não estatais providos de armas sofisticadas (incluindo meios convencionais) e que possuem capacidades e utilizam táticas técnicas e procedimentos (TTP), próprios das guerras irregulares.

Esse conceito, operações no amplo espectro, interpreta a atuação dos elementos da força terrestre para obter e manter resultados decisivos nas operações, mediante a combinação de operações ofensivas,

defensivas e de cooperação e coordenação com agências, simultânea ou sucessivamente, prevenindo ameaças, gerenciando crises e solucionando conflitos armados, em situações de guerra e de não guerra (BRASIL, 2014a).

A Força Terrestre, como instrumento de defesa dos interesses nacionais de preservação da soberania e integridade territorial do Estado brasileiro, depara com um ambiente operacional caracterizado pela complexidade, volatilidade, incertezas e ambiguidades. Nesse sentido, os comandantes dos elementos da F Ter de todos os níveis se esforçam para entender, visualizar e descrever esse cenário de caráter paradoxal e caótico. Para tal, se veem diante da necessidade de dispor de metodologias para solucionar os problemas militares que contemplem tais desafios (BRASIL, 2014c).

Esse ambiente operacional complexo conduziu os conflitos para um espaço de batalha mais amplo e que envolve a inserção de novos atores, estatais e não estatais, que interagem entre si e com o ambiente. Em consequência, os conflitos têm apresentado novas características, que dificultam a formulação de solução para o problema: a não linearidade no confronto entre os oponentes, cuja solução se prolonga no tempo; a importância das considerações civis, tendo o “terreno humano” como um dos fatores preponderantes no processo decisório; e o surgimento de ameaças híbridas, desafiando os planejadores em outras dimensões que não a física (BRASIL, 2014c).

Uma criteriosa análise prospectiva de cenários orienta o esforço de transformação de exércitos contemporâneos para enfrentar os desafios que se apresentam no ambiente

operacional da Era do Conhecimento. Normalmente, a combinação de capacidades já geradas em sua plenitude é a forma com maior chance de êxito, ao prover meios de alta qualidade necessários ao cumprimento de missões e tarefas requeridas em cada faixa do espectro dos conflitos (BRASIL, 2014b).

O ambiente estratégico global tem demonstrado que a maioria das ameaças contemporâneas tem suas origens em uma união de fatores conjunturais locais, nacionais e/ou internacionais. Estão relacionados, com frequência, ao crescimento populacional e ao controle de recursos naturais e são conjugados à proliferação de tecnologias — incluindo as relacionadas a armas e agentes de destruição em massa —, ao terrorismo transnacional, ao narcotráfico, à degradação ambiental e à migração massiva (BRASIL, 2014b).

Nessas condições, redes criminosas transnacionais e grupos extremistas encontram campo fértil, explorando a instabilidade de estados em processo de consolidação e com problemas de governabilidade. A violência politicamente motivada tende a assumir novas e mais complexas formas (BRASIL, 2014b).

Conclusão

Analisando o conflito da Ucrânia, o presente trabalho procurou debater a estratégia de emprego da Guerra Híbrida, seu conceito, particularidades e características, além de identificar possíveis desafios para o Exército Brasileiro na hipótese de ocorrência desse tipo de conflito.

Os eventos na Ucrânia trouxeram uma nova forma de combater. Independentemente

da forma que seja classificada, seja Guerra Híbrida, Guerra Irrestrita, Guerra Composta, Nova Guerra ou qualquer outra denominação, o fato é que as ferramentas utilizadas pela Rússia criaram uma forma bastante eficaz de lutar em um ambiente de amplo espectro. Ao utilizar uma variada gama de estratégias contra seus adversários, a Rússia soube potencializar todas as facilidades desse ambiente, atuando com atores estatais e não estatais, grupos criminosos, forças convencionais ou não convencionais e a diplomacia para levar a confusão e instabilidade ao Estado-alvo, dificultando a tomada de decisão (PINHO, 2016, p. 82).

Constatamos que a forma de conflito conduzida pela Rússia na campanha da Ucrânia foi caracterizada pela existência de um conjunto de ações e estratégias típicas de uma guerra híbrida, apresentando-se como uma das maiores ameaças e desafios à segurança e defesa no futuro. Estas ameaças buscam atingir as vulnerabilidades dos Estados mais frágeis, sem utilizar de forma direta os meios militares, realizando ações de agitação social interna e disputas territoriais, apoiadas por fortes campanhas de informação com uma narrativa eficaz. Estas ameaças híbridas, como demonstrado na intervenção na Ucrânia, atuaram no limiar da legalidade e legitimidade.

As estratégias de combate aplicadas pela Rússia na Ucrânia ficaram evidenciadas pela mescla de diversas capacidades, com a utilização do poder diplomático, econômico e militar, a fim de atingir seus objetivos, fornecendo meios convencionais modernos para os grupos separatistas pró-Rússia, para serem utilizados de forma não convencional, por meio de táticas, técnicas e procedimentos

de guerrilha; além do emprego de tropas de operações especiais infiltradas no território ucraniano, visando atuar no meio da população, executando operações de informação e psicológicas, com a finalidade de buscar a legitimidade das ações russas. Pelo uso de meios cibernéticos, empregou propaganda desestabilizadora direta e de alta intensidade para disseminar o descontentamento entre a população e influenciar a opinião pública para suas operações. Essas ações ocorreram de forma gradativa ou simultânea, de acordo com cada efeito desejado.

A abordagem híbrida utilizada na Crimeia surpreendeu os analistas ocidentais, que ainda encaravam a Rússia como militarmente desatualizada e “presa na Guerra Fria”. O uso das ferramentas não militares e a preponderância das operações de informação descortinaram uma nova forma de realizar a guerra, abrindo caminho para novas implicações no combate, em caso de uma abordagem mais hostil por parte dos russos, segundo conclusões de Renz e Smith (2016).

Diante do cenário anteriormente descrito, cabe o questionamento acerca de capacidades requeridas ao Exército Brasileiro para que elas tenham seu êxito assegurado nos campos de batalha do século XXI. A despeito da visão ortodoxa que tradicionalmente possuem dos conflitos armados, na era da informação, as organizações militares devem se mostrar aptas a:

- formular estratégias que contemplem igualmente o uso de meios não militares;
- desenvolver ações integradas e sinérgicas nas dimensões física, humana e informacional;
- combinar alternativas letais e não letais

- para se alcançar o estado final desejado;
- aplicar, de forma precisa e eficaz, o poder de combate, com maior controle de danos e redução dos efeitos colaterais;
- oferecer respostas ágeis e flexíveis em ambientes em constante mutação;
- agregar valor psicológico às ações de combate;
- interagir com a mídia, organismos de defesa dos direitos humanos, organizações não governamentais e outras agências estatais presentes no interior da área de operações; e
- fazer hábil uso dos instrumentos jurídicos que lhes estão disponíveis, a fim de assegurar a legitimidade do uso da força. (VISACRO, 2018)

Desde que percebeu a evolução no cenário global, o Exército Brasileiro (EB) entendeu que era essencial realizar a atualização da matriz doutrinária utilizada pela Força Terrestre. Nesse sentido, a partir do final de 2013, foi realizado esforço na produção de manuais que incluíssem a complexidade do ambiente operacional moderno. O objetivo era claro: proporcionar ferramentas para que o Exército atuasse contra ameaças de diferentes matizes em um ambiente operacional de amplo espectro.

Até 2022, o Processo de Transformação do Exército chegará a uma NOVA DOCTRINA — com o emprego de produtos de defesa tecnologicamente avançados, profissionais altamente capacitados e motivados — para que o Exército enfrente, com os meios adequados, os desafios do século XXI, respaldando as decisões

soberanas do Brasil no cenário internacional (BRASIL, 2017).

A materialização desta nova doutrina será a Força Terrestre 2022 (FT 22), integrada ao Sistema Operacional Militar Terrestre (SISOMT) e representada por uma parcela da Força Terrestre transformada, apta a atender às missões assinaladas pelo Estado Brasileiro, externa ou internamente. O módulo inicial da FT 22 será a Brigada Braço Forte (BBF), grande unidade (GU) integrada por tropas tecnológica e doutrinarmente avançadas, que servirá de modelo para a expansão da FT 22 até os níveis determinados pela missão da Força, em 2035, a FT 35. A fase FT 22/BBF será regulada por diretriz específica e terá seu início em 2016 (BRASIL, 2017).

Notadamente, os manuais da Doutrina Militar Terrestre (DMT), de Operações, da FTC e o da FTC em Operações trouxe-

ram esses conceitos e essas preocupações, inserindo as características e as ameaças do amplo espectro nos planejamentos do EB.

Dessa forma, a Força Terrestre, por meio de uma atualização doutrinária constante, pela modernização tecnológica de seus produtos de defesa e pela moderna e eficiente formação de seus quadros, busca obter novas capacidades a fim de vencer desafios impostos por um possível adversário que possa empregar a Guerra Híbrida.

Por fim, a evolução da forma de se fazer Guerra, denominada Guerra Híbrida, tem sido cada vez mais observada nos conflitos modernos, crescendo de importância seu estudo, a fim de se desenvolver uma doutrina adaptada às capacidades do Exército Brasileiro, para que se esteja apto a proteger-se contra o emprego dessa doutrina. 

Referências

BARROSO, Luís Fernando M. (2007). *Israelitas vs Hezbollah: A Guerra de 4ª Geração*. Lisboa: Jornal do Exército, Nº562, maio, p. 12-21.

BARTLES, CHARLES K. **Para entender Gerasimov**. Military Review, Fort Leavenworth, Kansas, Edição Brasileira, mar. – abr. 2016.

BERZINS, J. 2014. Russia's New Generation Warfare in Ukraine: Implications for Latvian Defense Policy. Disponível em <www.sldinfo.com/wp-content/uploads/2014/05/New-Generation-Warfare.pdf>. Acesso em 28 ago 2018.

BOOT, Max. **Countering Hybrid Warfare**. Armed Conflicts Survey, chapter 1, part I, p. 11-20. London: IISS, 2015. Disponível em: <www.iiss.org/publications/acs/by%20year/armedconflict-survey-2015-46e5/acs-2015-03-essays-f813>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BOWERS, Christopher O. Como Identificar Adversários Híbridos Emergentes. Military Review. Jan-Fev 2014.

_____. Exército Brasileiro. **Doutrina Militar Terrestre**: EB20-MF10.102. 1a ed. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2014a.

_____. Exército Brasileiro. Estado-Maior. **O Processo de Transformação do Exército**. 3. ed. Brasília, DF, 2010.

_____. Exército Brasileiro. **Plano Estratégico do Exército**. 2016-2019 (PEEx 2016-2019/3ª Edição-2017). Brasília, 2017.

_____. Exército Brasileiro. **Sistema de Planejamento do Exército 5**. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2017.

DE PINHO, A. P. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **A Guerra Híbrida e os Reflexos para o Exército Brasileiro**. PADECEME. v. 8 n. 17 p. 01-109. Rio de Janeiro, Fev. 2016.

HOFFMANN, F. G. **Conflict in the 21st Century**: The Rise of Hybrid Wars, Potomac Institute for Policy Studies, Arlington, Virginia, Dec 2007.

KASAPOGLU C., 2015. NATO Defense College. [Online] disponível em: <www.ndc.nato.int/news/news.php?icode=877>. Acesso em 23 09 2018.

LIND, William S. **Compreendendo a guerra de quarta geração**. Military Review, Fort Leavenworth, Kansas, Edição Brasileira, jan. – fev. 2005.

NATO, 2015a. Hybrid Warfare: NATO's New Strategic Challenge?, Brussels: NATO Parliamentary Assembly.

OTAN. **Hybrid War – Does it even exist?** Disponível em: <www.nato.int/docu/review/2015/Also-in-2015/hybrid-modern-future-warfare-russia-ukraine/EN/>. Acesso em: 15 mar. 2018.

PINHEIRO, Álvaro de Souza, 2010. O Conflito de 4ª Geração e as Forças de Operações Especiais do Brasil. A Nova Ordem Mundial. Mama Sumae. Revista da Associação de Comandos, N.º 71, II Série, Jan-Jun, p. 66-70.

PINHO, Alessandro Paiva de. A Guerra Híbrida e os reflexos para o Exército Brasileiro. PADECEME, Rio de Janeiro, v. 8, n. 17, p. 071-083, 02/2016.

RENZ, Bettina; SMITH, Hanna. Russia and Hybrid Warfare - going beyond the label. Aleksanteri Papers. Finlândia. 1/2016.

RUSNÁKOVÁ, Sona. Russian New Art of Hybrid Warfare in Ukraine. Slovak Journal of Political Sciences, Volume 17, 2017, No. 3 – 4.

SMITH, Ruppert. **A Utilidade da Força – A Arte da Guerra No Mundo Moderno**. Edições 70. Lisboa, Portugal, 2005.

VISACRO, Alessandro. **A guerra na Era da Informação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.